

.....

Algumas considerações sobre a articulação entre o conceito psicanalítico de trauma e práticas pedagógicas: um relato de experiência.

Carolline de Souza Botelho¹

Resumo

A proposta desse artigo é refletir sobre a relação entre psicanálise e educação, acredita-se que tal relação dispõe de instrumentos teóricos que face às novas formas de processos de subjetivação e de produção de mal estar na contemporaneidade, se faz essencial. Dessa forma, discute-se a noção de trauma na psicanálise, buscando compreender como as práticas pedagógicas ao se submeterem à lógica do hipercapitalismo, oferecem a falsa promessa de gozo e promovem uma educação segregadora. Transformando-se assim numa espécie de cena das angústias do sujeito, cujas tensões causadas no encontro das crianças e dos adolescentes com os três grandes Outros da educação. As práticas pedagógicas observadas são fruto de um relato de experiência enquanto orientadora pedagógica do ensino fundamental de 6º ao 9º numa escola cujo mantenedor é uma instituição financeira privada.

Palavras-chave: Trauma. Educação. Processos de subjetivação.

Quelques considérations sur l'articulation entre le concept psychanalytique de traumatisme et les pratiques pédagogiques: compte rendu d'expérience

Résumé

La proposition de cet article est de réfléchir sur la relation entre psychanalyse et éducation, on croit qu'une telle relation dispose d'instruments théoriques qui, face aux nouvelles formes de processus de subjectivité et de production de mal-être dans le contemporain, se fait essentiel. Ainsi, on discute la notion de traumatisme dans la psychanalyse, en cherchant à comprendre comment les pratiques pédagogiques, en se soumettant à la logique de l'hypercapitalisme, offrent la fausse promesse de jouissance et promeuvent une éducation ségrégationnelle. Devenant ainsi une sorte de scène des angoisses du sujet, dont les tensions causées par la rencontre des enfants et des adolescents avec les trois grands Autres de l'éducation. Les pratiques pédagogiques observées sont le fruit d'un compte rendu d'expérience en tant que conseillère pédagogique de collège de 6ème à 9ème dans l'école dont le responsable est un établissement financier privé.

Mots-clés: Traumatisme. Éducation. Processus de subjectivation.

.....

¹ Mestra em Educação - UFMA, professora do curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

Introdução

As noções de angústia, sofrimento e trauma, de Freud a Lacan, trazem desde a segunda metade do século XX, interlocuções privilegiadas nos campos da teoria social, da cultura, da filosofia. E por que não no campo dos estudos sobre Educação? Vivemos num momento civilizatório marcados por tensões e crises, cujos efeitos produziram novos modelos sociais, novo modelo de sociedade, novo modelo de humano, conseqüentemente novas relações com o conhecimento e a produção de novos saberes que certamente afetam o nosso psiquismo, tendo em vista que os processos de subjetivação se organizam nessas realidades.

Considerando a constituição de um modelo de sociedade neoliberal, no campo dos estudos sobre educação, surgem as incertezas e ao mesmo tempo traz as expectativas e competências que não são mais as mesmas. Dessa forma, questiona-se: como a escola tem atualizado seu ideal de educação? Nessa direção, cabe destacar que não se pretende aqui, dar conta de uma lista desses desafios, mas de início compreender algumas questões basilares tais, a partir de relato de experiência, como: de que maneira as cenas traumáticas da infância se atualizam no espaço escolar? Qual o lugar do afeto nas práticas pedagógicas?

Nesse sentido a psicanálise é convocada para tratar desses insucessos escolares que se traduzem num mal estar na Educação, que através de crianças e jovens falando por meio de seus corpos, de seus sintomas nos dão algumas pistas para pensar os efeitos da mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho e o lugar da escola nessa mudança. E, principalmente, esse debate com a psicanálise abre uma possibilidade de diálogo interdisciplinar na reflexão sobre educação e processos de subjetivação.

1. SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O IDEAL DE EDUCAÇÃO

Para Bauman (2001) vivemos em tempos líquidos, o que provavelmente transformou a educação numa espécie de refém da cultura do imediatismo e, assim a sua finalidade tanto em aspectos individuais quanto nos aspectos coletivos que traziam contornos claros e definitivos, na contemporaneidade acomodam sentimentos de incertezas e desamparo diante da perspectiva neoliberal na qual encontra-se atualmente. As transformações sofridas pelas sociedades produzem efeitos na educação, o que nos leva a postular algumas possibilidades de breves reflexões em épocas distintas da história da humanidade. Onde mudam-se os modelos, mudam-se as relações, e conseqüentemente as relações com o conhecimento.

Observemos o ideal de educação na Grécia antiga por exemplo, cuja estrutura social obedecia um modelo piramidal em que apesar de uma hierarquização verticalizada a gestão do pensamento funcionava aos moldes socráticos valorizando o diálogo, a busca pelo bem, pela verdade, pelo belo e sobretudo de autoconhecimento presente na máxima “conhece-te a ti mesmo”. Cassirer (2005), em *Antropologia Filosófica: um ensaio sobre o homem* chama atenção para um momento decisivo na cultura e no pensamento grego, que surge da interpretação de Platão a essa máxima, pois entende que há limitações no método socrático que abordará apenas o homem de forma individual, ou seja:

[...]para resolver o problema precisamos projetá-lo num plano mais amplo. Os fenômenos que encontramos na nossa experiência individual são tão vários, complexos e contraditórios que dificilmente conseguimos destrinchá-los. Deve-se estudar o homem, não em sua vida individual, mas em sua vida política e social. (Cassirer, 2005, p. 109)

Todas as sociedades em cada época apresentaram seus conflitos, na passagem da idade antiga para idade medieval, apesar de ter apresentado ainda a mesma estrutura piramidal, apresentará um novo modelo de pensamento, um modelo racional que se caracterizará pela influência dos ideais religiosos. A educação que derivará dos mesmos ideais terá que dar conta do modelo de humano a ser formado, passando assim a oferecer a correção das imperfeições da civilização. É nesse período que se alicerça a base moral da civilização e, posteriormente, vimos que os ideais de educação da idade moderna acabaram por herdar o imponente manto da autoridade religiosa. E educação nesse processo, por meio das suas práticas pedagógicas funciona desempenhando uma função de automodelação do sujeito, tal como Schiller (1967) apud Eagleton (2005) descreve nas suas cartas *Sobre a Educação Estética do Ser Humano*.

Pode-se dizer que cada ser humano individual traz em si, por disposição e determinação, um ser humano puro e ideal, constituindo a grande tarefa da sua existência em tentar coincidir com a unidade imutável deste último ao longo de todas as mutações. Esse ser humano puro, que se dá a conhecer de modo mais ou menos claro em cada sujeito, é representado pelo Estado; a forma objetiva, e simultaneamente canônica, sob a qual a pluralidade dos sujeitos individuais aspira a associar-se. (Eagleton, 2005, p. 19)

É no viés da crítica feita por Schiller, que se pretende trazer algumas provocações como pano de fundo às mudanças imprimidas na educação e seus desdobramentos nas práticas pedagógicas contemporâneas. Portanto, questiona-se como a escola lida com essas transformações, que incide sobre a sua prática um mecanismo homogeneizante? Que tensões

emergem das relações de saber – poder no processo educativo? A questão que se coloca permite refletir sobre o desafio do desenvolvimento de processos institucionais que dêem condições pela via da educação, ao acolhimento das diferenças, físicas, mentais, étnicas, culturais, de gênero e de gerações sem integrá-las em uma unidade que as anule.

Para esse entendimento é preciso reconhecer inicialmente que a complexidade do processo educativo implica na desconstrução dos dispositivos disciplinares que constituem as práticas pedagógicas geradoras de sujeição. Esse modelo classificatório e hierárquico de educação, reforça o processo de dominação e sujeição e que parece ter uma relação estreita com a estrutura do olhar trabalhada por Foucault (1977) em *Vigiar e Punir*. Ao indicar que o modo disciplinar de ver os outros, “assegura a garra do poder que se exerce sobre eles”, Foucault aponta que é isso que garante a sujeição dos indivíduos e que se configura no que ele apresentou como uma das técnicas dos recursos para o bom adestramento.

Foucault não se debruçou sobre o tema educação, porém, o entrelaçamento entre poder disciplinar e educação, permitem compreender que tais técnicas apresentadas por ele parecem ilustrar bem as práticas pedagógicas, que utilizando das mais variadas instrumentalizações para o exercício do seu poder disciplinar, anulam assim quaisquer perspectivas de possibilidades de trabalhar educacionalmente com experiências subjetivas e intersubjetivas entre professores e aluno, produzindo subjetividades obedientes e dóceis. É o que podemos verificar claramente através de suas práticas segregadoras de classificações que permitem distinguir que vidas e possibilidades de vidas serão determinadas como os normais e os anormais.

A patologização do comportamento humano ganhou terreno fértil com o avanço da tecnologia que aumentou a produção dos psicofármacos. O uso da medicação psiquiátrica aumentou consideravelmente, hoje “ninguém mais sofre”, crianças estão medicadas, pais e professores também. Vive-se numa sociedade com aspectos patológicos e, assim, a educação que se pratica é parte desse tipo de sociedade.

Por isso, torna-se necessário compreender que a escola como um campo de forças abriga todas as angústias sociais presentes nos processos de subjetivação. Por essa razão a escola é o lugar também onde se pode questionar o lugar das diferenças dos sujeitos que nela se encontram cotidianamente. Porém, como espaço de socialização e conhecimento, a escola está longe de ser o lugar idealizado como perfeito, que prepara as crianças e adolescentes para serem sujeitos autônomos e críticos, e terem uma vida plena. Se assim o fosse, como explicar o alto índice cada vez mais crescente de suicídio entre crianças e adolescentes de 10 a 14 anos? Como

explicar a auto-mutilação? Seriam estes fenômenos sociais, sintomas do sofrimento psíquico? Como as práticas pedagógicas acolhem as dores dos sujeitos e suas diferenças?

2. MAL ESTAR NA EDUCAÇÃO.

Em *O mal estar na civilização* de 1930, Freud ao retratar o processo civilizatório já explicava sobre o homem moderno e as causas do seu sofrimento psíquico. Sendo assim, considera-se útil para compreender o mal estar na educação e seus sintomas, a partir de algumas elaborações freudianas pois, a idéia é estabelecer uma discussão crítica que verse sobre as conseqüências que o hipercapitalismo, ao submeter a educação a sua lógica, pode trazer efeitos que se observará nas práticas pedagógicas como (re)produtora de dor, sofrimento e angústia. Compreender essa perspectiva de análise é tentar compreender em que medida as causas dos sofrimentos psíquicos estão vinculadas aos impactos da normatividade social na constituição dos sujeitos, que se organiza na internalização de valores e modelos que constituem um ideal de vida bem sucedida, feliz e portanto livre de sofrimentos.

Uma leitura atenta de Byung- Chul Han (2017), em *A sociedade do cansaço*, demonstra como paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do cansaço. Nessa mudança de paradigma a sociedade disciplinar determinada pela negatividade da proibição que produzia os sujeitos da obediência, transforma-se na sociedade do desempenho cujo imperativo é a positividade do poder, cujos sujeitos passam a ser os sujeitos da produção e do desempenho, que sendo empresários de si mesmos, tornam-se depressivos e fracassados. Han (2017) dirá que o sujeito da obediência da sociedade disciplinar que estava submetido a uma instância externa, agora dá lugar ao sujeito dono de si, mas alerta que a queda da instância dominadora não leva a liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam?.

O filósofo coreano, observou nessa mudança de paradigma da sociedade, que os adoecimentos psíquicos são manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal que leva ‘o sujeito de desempenho a projetar-se a si mesmo na linha do eu-ideal’. E assim a positivação faz surgir novas formas de violência, nesse caso no abismo que separa eu-real do eu-ideal, surge o que Han chamou de autoagressividade que não raro se agudiza e desemboca no suicídio. Em que medida esses fenômenos podem nos instruir a respeito do que é a ordem simbólica neste século?

Inicialmente parte-se do pressuposto que tal ordem encontra-se inscrita numa nova relação com o tempo onde tudo é imediato e ao mesmo tempo efêmero. A cultura da

hiperatividade cujos desdobramentos desembocam nos distúrbios cada vez mais observáveis nos espaços escolares, como os transtornos de déficits de atenção e hiperatividade entre outros, traz o caminho pelo qual se faz necessário compreender como atuam os sistemas de gozo que aliena o sujeito. É justamente no entendimento da captura desse sujeito pelos múltiplos objetos modernos do *mais de gozar* que os dispositivos dessubjetivantes atuam como nos indica Agamben (2009) “o que define os dispositivos com os quais temos que lidar na fase atual do capitalismo e que eles não agem mais tanto pela produção de um sujeito, quanto pelos processos que podemos chamar de dessubjetivação”.

Agamben (2009) ao discorrer sobre os processos de subjetivações percebe que sob o imperativo da busca do *mais de gozar* e da sua satisfação a qualquer preço, observa que nesta relação não há lugar a uma nova subjetividade, ao contrário, reside aí uma dessubjetivação impulsionada por quaisquer que sejam a força do seu desejo e nesse sentido na não-verdade do sujeito não há mais de forma alguma a sua verdade. Tal formulação é útil para pensarmos sobre o atual contexto pelo qual a sociedade contemporânea opera a sua lógica neoliberal que ao orientar-se para o consumo, guiará a educação pelo mesmo caminho e conseqüentemente não será sem efeitos e desse modo, se constituirá no drama pelo qual a família se estruturou.

3. ANGÚSTIA, TRAUMA E SOFRIMENTO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Em seu texto *Radiofonia*, Lacan (2003) nos convida a compreender o efeito do discurso do mestre contemporâneo, o capitalismo, responsável pela produção do objeto *a*. Para o psicanalista francês a causa do desejo se orienta justamente por uma economia que faz do seu princípio a produção excessiva, insaciável, da falta-a-gozar e nesse caminho somos levados a encontrar a raiz da angústia, tema que ele se debruçou no seu seminário 10.

Ao localizar os limites e a função da angústia, Lacan (2005) identifica esse sintoma como um sinal distinto da situação traumática, ele nos alerta que com a indicação freudiana, porém de maneira mais precisamente enunciada, que o perigo em questão está ligado ao caráter de cessão do momento constitutivo do objeto *a*. Nesse sentido, acrescenta que a angústia,

[...] foi escolhida por Freud como sinal de algo. Será que não devemos reconhecer o traço essencial desse algo na intromissão radical de uma coisa tão Outra no ser vivo humano, já constituída para ele pelo fato de passar para a atmosfera, que, ao emergir neste mundo em que tem de respirar, ele fica, a princípio, literalmente asfíxiado, sufocado? Foi a isso que se deu o nome de trauma- não existe outro -, o trauma do nascimento, que não é a separação da mãe, mas a própria aspiração de um meio intrinsecamente Outro. (Lacan, 2005, p. 359)

Diante do exposto, é possível afirmar que depois do trauma é preciso reinventar o Outro que não existe mais, inventando, portanto, um caminho novo causado pelo traumatismo. Para Birman (2010) costumamos utilizar como equivalentes o registro da dor e o registro do sofrimento, porém é no deslocamento do registro da dor para o registro do sofrimento que se dá o processo de subjetivação. Como a escola lida com a dor e o sofrimento dos alunos?

Como os sintomas da angústia enquanto sinalizadores dos traumas são operados na relação escola *versus* família?

Frente a esse desafio buscarei articular as considerações teóricas aqui brevemente apresentadas com as reflexões da prática pedagógica que vivenciei durante um ano enquanto orientadora pedagógica do ensino fundamental de 6º ao 9º numa escola cujo mantenedor é uma instituição financeira privada.

A mantenedora possui unidades escolares distribuídas em todas as regiões do Brasil, o total de alunos em 2019 correspondeu a 90.198. A oferta do ensino é gratuita, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, além dos cursos que envolvem o Ensino Profissional e de Jovens e Adultos, e da Escola Virtual, portal dedicado a oferecer cursos gratuitos e 100% online em diferentes áreas.

É importante, destacar que em todas as unidades, o local de instalação considera como critério, a vulnerabilidade socioeconômica da população a ser atendida. Em São Luís a escola situa-se no bairro do Coradinho e atende a população de baixa renda desde 1984. Como estratégia de competitividade entre as unidades brasileiras que apresentarem os melhores índices acadêmicos, bem como baixos índices absenteísmos e reprovações, há prêmios como viagens, entre outros que são ofertados a equipe gestora.

São exatamente nas estratégias de competitividade e nos seus desdobramentos que extraí algumas observações que desafiam os limites da educação, que acabam inibindo a tarefa educativa e não raro ainda, parece fazer desaparecer o manejo professor- aluno tendendo a reprodução no espaço escolar da segregação vivida no espaço social.

Quando iniciei o trabalho pedagógico, tive como uma das primeiras tarefas atuar na disciplina dos alunos. Num primeiro momento tive encontros individuais com professores para ouvi-los acerca da percepção que eles tinham do comportamento de seus alunos, o que estes professores nomeavam como indisciplina e que ações poderíamos fazer juntos.

Sobre a percepção, muitos não se implicaram no processo alegando que se os alunos tem problemas disciplinares, é por “não trazem educação de casa”, houve até comentários

como: “ não sou pai de marmanjo”, “tem aluno que é marginal”, entre outros. Interessante, foi perceber pelas respostas destes professores e da direção da escola, que os problemas de indisciplina estavam exatamente no não cumprimento das atividades escolares, não realização das atividades passadas para casa, ausência do material completo do horário do dia. Todos os casos de brigas eram encaminhados a orientação pedagógica para realização de atendimento junto aos pais, esses casos eram pontuais, a grande reincidência era de fato nas atividades acadêmicas.

Duas vezes ao ano os alunos do 5º e 9º eram submetidos às avaliações externas, eram exatamente essas avaliações que colocariam a escola no ranking nacional das melhores e que conseqüentemente levariam o prêmio. Os alunos não poderiam sequer faltar nesse dia, o clima de tensão era geral na escola é um momento muito angustiante para alunos e professores, havia por parte da direção um excesso de cobrança que refletia diretamente não só no estado emocional dos alunos como também dos professores. Era muito comum que após o resultado desta avaliação, a diretora passasse nas salas elogiando os alunos, bem como culpabilizando de maneira específica os alunos “responsáveis” pelo fracasso da turma, uma vez que a lista do resultado era apresentada como uma forma de *ranking* da “melhor” e da “pior” turma.

No que concerne aos professores e alguns pais atendidos, acerca do baixo desempenho acadêmico dos alunos, foi fácil perceber sinais de angústia pois, em suas falas demonstraram sinais de desamparo e vulnerabilidade.

O fracasso escolar dos alunos nos trazia sinais de angústias de professores e pais, que nos convocam para escuta. E os alunos, quem os ouvia?

Alguns sinais começaram a ficar evidentes e passaram a falar da sua verdade. A desatenção, os estados de ansiedade, depressão, surtos entre outros logo eram silenciados também. Pois, imediatamente por apresentarem as regularidades, esses sintomas passaram a ser classificados e controlados pelas técnicas disciplinares cada vez mais sofisticadas na pedagogia contemporânea como os relatórios utilizados como uma espécie de instrumento de pré-diagnósticos. Esses relatórios tinham o objetivo de classificar os alunos que apresentam alguma espécie de desvio de conduta, sejam elas disciplinares ou as condutas acadêmicas escolares, de onde estes alunos são encaminhados aos mais diversos encaminhamentos profissionais, sobretudo o psiquiatra infantil, do qual recebe a maior demanda. Aliada a essa tecnologia temos o avanço dos psicofármacos, que ao redefinirem os sofrimentos, em sofrimentos produtivos, ganharam espaço fértil nos espaços escolares.

Nessa experiência, percebe-se como consequência dessa lógica que tanto a direção como os professores apesar de serem nomeados pelas leis educativas, responsáveis pela política educacional da instituição a qual pertencem, ao encarnar os ideais educativos do Estado capitalista, em confronto com a subjetividade dos alunos, tornam-se assim como os alunos objetos produzidos para atender aos imperativos da lógica do hipercapitalismo que ‘dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais.’

Nessa direção, Lipovetsky(2007) no ensaio *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo*, destaca que:

“ a mercantilização dos modos de vida e as práticas de consumo exprimem uma nova relação com as coisas, com os outros e consigo. A dinâmica da expansão das necessidades se prolonga, mas carregada de novos significados coletivos e individuais” (Lipovetsky,2007, p. 24)

A atividade de consumo passou a ser modo de vida e fonte de prazeres, num *ethos* que se universaliza e se estende também indistintamente a crianças e jovens, e é difundido pelo papel implacável da publicidade e mídias sociais. É nesse laço íntimo, estrutural, entre o hiperconsumo e o hedonismo. Lipovetsky(2007) irá dizer que :

“ [...] esse laço não é senão a mudança e a novidade erigidas em princípio generalizadas tanto da economia material quanto da economia psíquica. [...] se é verdade que o laço do consumo com a novidade é agora estrutural, suas relações com o prazer não são menos, uma vez como descreve Freud, “ a novidade constitui sempre a condição de gozo”. (Lipovetsky,2007, p. 67)

Nesse contexto apresentado qual o lugar da educação? Como ela tem produzido as subjetividades? A educação como instância social responsável pela socialização, se impõe pelas necessidades do ideal de sociedade, nesse caso a sociedade do hiperconsumo de Lipovetsky(2007) que também pode ser caracterizada pela sociedade do cansaço segundo Byung- Chul Han (2017) é a mesma sociedade, responsável pela produção turboconsumidores, e que produz o sujeito do desempenho.

No cenário que caracteriza a sociedade contemporânea, na sociedade do lazer e do consumo, difunde-se a promessa de gozo que tudo é permitido e por ele se paga qualquer preço. A escola então se esforçará para não ser o lugar da interrupção do prazer, a angústia e sofrimento não encontram lugar e, nessa medida a atualização das cenas traumáticas se atualizam.

Mészáros (2008), em *Educação para Além do Capital*, aborda sobre o papel da educação, segundo esse autor, a educação precisa qualificar os indivíduos para a vida e não para

o mercado, para que seja possível assim, romper com essa lógica desumanizadora do capital que submete a educação a essa mesma lógica, cujo mecanismo de funcionamento de suas práticas baseiam-se em valores que perpetuam a concepção de mundo na sociedade mercantil. Por isso, o individualismo, o consumo e a competição serão traços marcantes dessa educação.

Vale destacar que naturalmente o modelo de sociedade capitalista, subordina não só a educação mas, também o trabalho.

Do ponto de vista dos valores apresentados, percebe-se que os discursos das atuais práticas pedagógicas, orientam-se por meio de uma ética do consumo a serviço da irrealizável fantasia capitalista. Conseqüentemente, promovendo nos espaços escolares uma prática segregadora.

O discurso capitalista opera, sobre o imperativo do gozo, esse imperativo capitalista orienta crianças e adolescentes através de discursos a serem atendidos pelas demandas escolares e familiares, tais como: “ Você precisa tirar boas notas, ter bom desempenho acadêmico , para poder passar no vestibular e/ou no Enem e buscar uma formação no ensino superior, que o qualifique para o mercado de trabalho e ,somente assim você poder ser alguém”.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BIRMAN, J. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 531-556, 2010.
- CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem. Introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COHEN, R. H. P. A lógica do fracasso escolar. *Psicanálise & Educação*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. Lisboa: Actividades Editoriais, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Trad: Raquel Ramallete. 38ªed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- HAN, B. Sociedade do cansaço. 2a. edição. Petrópolis- RJ, Editora Vozes.2017
- LACAN, J. O Seminário, livro 10: a angústia. Tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. Radiofonia. Outros escritos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Deslocamentos/Déplacements, v. 1, n. 2, p. 181-191, jun/nov, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. A FELICIDADE PARADOXAL: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2008.